

**TÍTULO: Globalização e identidades culturais****AUTOR: Maria da Conceição de Almeida \***

Para discorrer sobre o tema “Globalização e identidades culturais” faço uma digressão a respeito da concepção do tempo entre os humanos. Essa digressão nos permite contextualizar de forma mais adequada o tema dessa conferência. A seguir exponho argumentos e desenho contextos que dizem respeito aos processo de globalização na sociedade contemporânea. Por fim, sugiro um conjunto de princípios capazes de religar o progresso da ciência e da tecnologia ao progresso de valores éticos empenhados em horizontes menos sombrios para a vida do planeta, incluindo aí a odisséia da vida em sociedade.

**Bem-vinda invenção do tempo**

O tempo como medida de duração e ordem de transformação das coisas está presente em todo o mundo e não somente no universo conhecido pelo homem. Há uma dinâmica da vida de todas as coisas: das estrelas, das rochas, dos animais e das plantas. Há também tempos diferenciados entre esses sistemas e internamente a eles. O tempo de vida de uma árvore é distinto do tempo de vida de uma mosca, que é distinto do tempo de vida de um homem. Entre os humanos a longevidade é também variável a depender das condições genéticas, sociais, da alimentação e de outros fatores. Em síntese, a existência do tempo, que é indissociável da dinâmica da vida, excede a escala propriamente humana e tem a ver com um estado de ser do cosmos, com “a dança da vida” (Marcelo Gleiser) e com “a dança da terra” (Elizabeth Santouris). A idéia de que a existência das coisas se restringe ao que é conhecido pelo homem tem fundamento na arrogância da ciência que observa, “descobre” e decreta a existência ou inexistência dos fenômenos do mundo. E mesmo que só possamos falar do que é conhecido, é preciso assinalar que a existência das coisas do mundo independe de sua representação pela consciência humana.

---

\* Antropóloga. Dra. Em Ciências Sociais pela PUC-SP. Professora da UFRN (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Educação). Membro da Associação para o pensamento Complexo (Paris). Coordenadora do Grupo de Estudos da Complexidade - GRECOM - UFRN - Natal - Brasil

Mas, se tudo que existe é parasitado pela dinâmica da transformação temporal, somente nos humanos, e por intermédio da cultura, do mito e da ciência, o tempo transcende a sua condição de imanência para se duplicar e existir como uma idéia. A idéia de tempo, a consciência do tempo e a mitologização do tempo é uma invenção propriamente humana. Pode-se mesmo afirmar que a obsessão pela idéia de tempo cresce na mesma proporção em que se desenvolve a história do homem, e que a sociedade contemporânea vive menos o tempo do que nele investe pensamento e teorias para explicá-lo.

Na história da nossa espécie, a origem da idéia de tempo está ligada à percepção da mudança das estações, à alternância entre claro e escuro determinada pelo movimento da terra em torno de si e do sol, à percepção da mutação e degenerescência do ecossistema que nos abriga, à constatação do envelhecimento e da morte de indivíduos e espécies, e, enfim, à consciência da transitoriedade da vida humana. Por isso criamos o calendário; batizamos pelas palavras dia e noite ao claro e ao escuro; chamamos de inverno à experiência do frio, de outono ao desnudamento das árvores, de primavera à invasão das flores; de verão à efervescência do calor e à intensa luminosidade solar. A esses estados de ser e dinâmicas do tempo vividos pela relação simbiótica entre a Estrela Solar e a 'Terra Pátria' imputamos escalas de medição, impregnamos sentido, consagramos rituais.

Mas será que não haveriam, também, como que verdadeiros rituais na experimentação da mudança de tempo entre outros animais? Poderíamos responder 'claro que sim', pelo menos no limite da aptidão que os humanos têm para antropomorfizar tudo o que está à sua volta, isto é, operar por projeção, imputar qualidades humanas a ambientes e sistemas não-humanos. Na física (cosmologia) fala-se, por exemplo, de "berçários de cometas" e do nascimento de uma estrela pelo "rompimento da placenta". De uma perspectiva antropomórfica, os elefantes fazem verdadeiros cortejos para encaminhar um dos seus até o lugar onde deverá terminar de morrer –o cemitério dos elefantes. A lagarta, que por destino genético se tornará borboleta, opera uma verdadeira metamorfose, como que ritualística, quando é chegada a hora de se fechar em uma membrana, se tornando agora um casulo, que posteriormente se romperá no tempo previsto do nascimento da borboleta. Tudo se passa como se o casulo fosse a expressão da vontade da borboleta de viver na privacidade, e fora dos olhares, a dinâmica da morte de grande parte de si. Mas

esses 'rituais' são chamados de rituais por nós, não pelos elefantes ou pelas borboletas, animais cujos campos de sentidos e linguagens diferem, essencialmente, dos campos de sentidos e linguagem dos humanos – diferença que se agudiza pela invenção da palavra, pela criação dos mitos, pela reorganização da transmissão genética, pela aquisição e transformação da herança cultural e histórica. Assim, a transformação dos estados de ser da borboleta em nada, ou em muito pouco, se assemelha à celebração do nascimento de uma criança humana, sua festa de quinze anos, a cerimônia do seu casamento, nem com o ritual coletivo de seu funeral e sepultamento, do qual, aliás, o indivíduo humano não participa apesar de ser o centro do ritual. Se quisermos atribuir tanto à borboleta quanto ao homem um domínio comum da ritualização do tempo, devemos pelo menos assinalar que, no animal humano, o ritual é da ordem do simbólico, da variação, da aprendizagem histórica e da transcendência. Em síntese, o padrão comum a todos os sistemas vivos é o 'viver para viver' (Humberto Maturana) ao que o homem acrescenta o viver para ritualizar a vida.

A ritualização do tempo entre nós transcende tanto os fenômenos em si, que somos capazes de, por ocasião de um dos inumeráveis movimentos completos da terra sobre si própria em torno do sol, decretamos uma nova era, um novo milênio. Há 2003 anos um determinado conjunto de humanos se abraça fortemente junto com a emoção de dizer e escutar 'feliz ano novo', 'feliz milênio'. Tudo é tão real para nós que acreditamos que o ano, o século e o milênio começam naquele dia e naquela hora, que nem nos damos conta dos tempos diferentemente marcados e ritualizados por grupos culturais que se reconhecem a partir de origens diversas. Nem sempre nos damos conta que vivemos tempos diferentes no mesmo planeta e que não são todos os habitantes da terra que se consideram entrando no século XXI, de acordo com o calendário cristão. Há marcações distintas e tempos zeros diferentes em função do reconhecimento de origens míticas diversas. Se o tempo existe como contingência da dinâmica de toda matéria, se ele é 'irreversível' como demonstra Ilya Prigogine, a idéia de tempo é uma invenção da cultura humana construída por meio dos conhecimentos mitológico e científico.

A construção da idéia de tempo é sobretudo importante porque, ao ritualizarmos o tempo, nos permitimos e nos cobramos avaliações. Parece que a idéia de tempo é um artifício e um alibi da espécie humana para se pensar como comunidade de origem e coletividade de destino – destino esse sempre aberto e incerto e que por isso precisa ser

produzido e projetado. Se é assim, que celebremos bem a ritualização da passagem do tempo que vivemos, identificando por escolha, nunca por imposição ou decreto, os temas e os problemas com os quais temos que nos haver.

No que tange à ciência é de se esperar que a identificação e escolha dos temas e problemas do nosso tempo seja empreendida por espíritos antenados com os avanços e as descobertas nas várias áreas do conhecimento. É possível afirmar que o século XXI emerge em conjunto com a identificação de princípios de conhecimento que permitem a maturação do casulo que abriga as ciências da complexidade. Esse casulo, em plena dinâmica de rompimento, foi sendo gestado a partir sobretudo do início do século passado, com as descobertas da física quântica, seguidos pelos avanços da biologia, da cibernética, da teoria da informação, entre outros. Essa 'ciência nova', conforme a expressão de Giambattista Vico, deverá ser capaz de responder com maior sintonia aos complexos problemas de um mundo planetarizado que condiciona nichos de exclusão, de fundamentalismos, de 'barbárie do pensamento', mas também de esperanças de futuro.

É tempo de refletir sobre os avanços e os descaminhos do pensamento, da ciência e da tecnologia. Vivamos esse ritual do tempo perguntando e respondendo sobre o papel crucial da educação como formadora de cientistas-cidadãos capazes de, à maneira dos visionários e dos grandes sábios, fazer acontecer um mundo melhor, senão para todos nós, pelo menos para as futuras gerações.

Como sabemos, os humanos são seres produtores de utopias e facilmente enfeitados por elas. Que façamos bom uso dessas duas aptidões de espécie: construção da idéia de tempo e produção de utopias. É hora de balanço, de avaliação euforicamente serena, auto-crítica, mobilização, ação. É tempo de empreender uma 'reforma do pensamento' (Morin), e é inútil, mesmo que confortável, assumirmos o lugar de vítimas do processo. Além do mais, as reais vítimas do desigual acesso aos bens da cultura, da ciência e da tecnologia estão nos porões úmidos e escuros da sociedade real ou imaginária. As verdadeiras vítimas dos desmandos da civilização não somos nós. Elas estão em outros lugares, privadas dos alimentos do corpo e da alma. Ao invés das narrativas de lamúria, devemos proferir narrativas mobilizadoras e operativas. Se estamos todos 'no mesmo barco', como a expressão de Peter Sloterdijk, somos nós que temos, mesmo que parcialmente, os remos da informação, do acesso à ciência e à tecnologia. Sobre nós recai, pois, o peso maior da

responsabilidade coletiva, que começa necessariamente por uma reflexão fundamental e partilhada.

Essa digressão inicial que nos serviu como uma abertura de cortina para tratarmos do tema aqui proposto é de fato mais que uma digressão. Em seus últimos livros sobre reforma do ensino, Edgar Morin acentua que nenhuma informação faz sentido se não está inserida num contexto. O “conhecimento pertinente é o que é capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível, no conjunto em que está inscrito”, diz Morin no livro “A cabeça bem feita”. (2000 p.15). Talvez tenha sido essa a intenção que me moveu ao falar sobre a ritualização do tempo como um contexto importante para compreender o processo de globalização e o panorama da ciência e tecnologia neste século que se inicia.

### **Em torno da globalização**

A consciência de que vivemos um processo de globalização se estende por quase toda a população do planeta. Digo por quase toda a população porque há aquelas que, mesmo vivendo sob os efeitos desse espírito de nosso tempo, dele não tem consciência. Para essas populações a palavra *globalização* não faz sentido ou não faz parte do repertório para entender o mundo de hoje. Há também grupos e nações, cujas origens, trajetórias e consolidação de valores lhes permitem existirem como reservas culturais distanciadas do projeto civilizacional da globalização. Ainda resistentes à padronização da cultura planetária, esses nichos de alteridade podem e devem nos servir de sinalizadores e de contrapontos para pensar o panorama mundial ao qual chamamos globalização.

A que nos referimos quando falamos globalização? Que indicadores caracterizam essa rota da aventura humana na Terra no século que se inicia? Que avaliações e projeções são possíveis? Que princípios serão capazes de tecer a ligação entre povos e nações sem subjugar a diversidade das expressões culturais que se constituem no patrimônio maior da humanidade? Como garantir a unitas-multiplex, de que fala Edgar Morin?

Começemos por afirmar, com Edgar Morin, que “o que chamamos de globalização hoje em dia é o resultado, no momento atual, de um processo que se iniciou com a conquista das Américas e a expansão dominadora do ocidente europeu sobre o planeta” (Morin, 2001 p.39).

Os primeiros fios da teia de conexão entre mundos eqüidistantes começa no século XVI com a globalização dos micróbios: a tuberculose e outras enfermidades européias chegam às Américas, assim como a sífilis chega à Europa. Essa troca virótica não pode ser entendida como um intercâmbio igualitário, pois, como assinala Morin, “o dano principal foi para os conquistados”.

A escravização das populações negras, a conquista das nações indígenas para a fé cristã européia e a expansão do comércio pela via marítima fazem parte dessa primeira globalização, hoje entendida por nós como parcial, mas que à época era a possibilidade total. Deve-se assinalar que uma resistência ao processo de prevalência de uma cultura sobre outra já se expressava nesse momento, como que para nos alertar sobre a necessidade, também hoje, da auto-crítica e avaliação dos fenômenos da globalização. O padre espanhol Bartolomeu de Las Casas, o filósofo Montaigne, o escritor Montesquieu e, por último, o antropólogo Claude Lévi-Strauss discutiram o caráter nefasto de uma concepção eurocêntrica do progresso. Para eles, essa concepção acabava por impor a necessidade de subjugar a diversidade das experiências históricas ao projeto de civilização do velho mundo.

É necessário nos colocarmos uma reflexão essencial a respeito da globalização em nosso tempo. Mesmo sem diabolizar o fenômeno do contato em rede entre nações e culturas diversificadas no nível planetário, é importante dizer que essa rede se constrói com vistas a garantir a ampliação das estruturas do mercado de bens de toda ordem – materiais, comunicacionais e simbólicas –, estruturas essas que redefinem a gestão política da sociedade humana. A avaliação e autocrítica desse processo é fundamental uma vez que ele está atrelado ao ideal de sociedade que privilegia a troca compulsória dos produtos da cultura e transforma todo sujeito num consumidor, meta maior do capitalismo e do liberalismo econômico. É por isso que a globalização carrega em seu seio a exclusão, uma vez que nem todos estão conectados nessa sociedade-rede. Os que são alijados dos atributos que desenham o perfil do consumidor estão fora dessa dinâmica. Ao lado, pois, da hegemonia das estruturas de mercado (essa palavra mágica do nosso mundo) urge propugnar pela consolidação e multiplicação de formas de intercâmbios e trocas marcadas pela gratuidade do dar e receber.

A expressão humana da gratuidade, ou seja, daquilo que não pode ser estimado pelo valor de mercado, nem pela alta do dólar deve se tornar um valor inalienável da rede planetária de comunicação entre os homens. E isto porque existem inúmeros domínios da condição humana não contábeis: nem tudo é produto para o mercado. Há mais que cifras nas alegrias e dores da legião dos despossuídos do planeta. Os números e as séries estatísticas não dão conta da insatisfação civilizatória, da perplexidade e do mal-estar espiritual de homens, mulheres e crianças que não se constituem em consumidores ou estão à margem da mitologia do progresso. "Não há como quantificar o sujeito humano. Não há uma unidade de medida para o amor, que possa chamar-se 'cupidão', para eu poder dizer: tenho dez mil cupidões para você, querido" (Morin: 2000, p.30).

Nem tudo é matematizável, nem todas as relações humanas são mercadológicas, e desde o final do século XX assistimos à emergência de manifestações de cidadania planetária, fruto da gratuidade e de solidariedade sem preço. As associações "Médicos sem fronteiras", "Survival Internacional", "Anistia Internacional", "Greenpeace" e algumas outras, são exemplos de manifestações meta-nacionais que apostam numa comunidade terrena ligada por outros laços que excedem o ideal do mercado como valor universal.

Ao lado das forças homogenizadoras de base mercadológica, há também forças que acionam o intercâmbio da diversidade das expressões culturais do planeta. "Não há pois uma única globalização", diz Morin. "Mas duas que são ligadas e antagônicas" (2001, p. 42). Questionar a comunicação planetária pelas estruturas de mercado, bem como avaliar a potencialidade de redes de intercâmbio de diversidades é uma tarefa da qual não podemos nos omitir.

O fenômeno de globalização é ambíguo, paradoxal e complexo. Acondiciona a necessidade vital de conceber a espécie humana como una e diversa ao mesmo tempo. Una como comunidade de origem e de destino, e diversa em suas expressões históricas e locais. Daí porque toda homogeneização é um retrocesso civilizatório, uma vez que nada se ganha de novo na troca entre idênticos a não ser a consolidação do mesmo. Do mesmo modo, a singularização da diferença e a ausência da comunicação na diversidade afixia e mata o singular.

A relação entre comunicação e compreensão está no coração da problemática da globalização atual. Não basta estar em comunicação como consumidores do mercado ou

como usuários dos contatos permitidos pelo fax, telefones celulares, internet. É necessário fazer da comunicação um meio para conectar experiências culturais, reduzir oposições, avizinhar solidariedades, fecundar hibridações, mestiçagens e personalidades multiculturais. Vivemos numa época de muita comunicação e pouca compreensão. O desenvolvimento das comunicações no planeta precisa estar a serviço da compreensão entre os homens e não se tornar, como se tornou em grande parte, no disfarce para a solidão coletiva de todos quanto substituíram os braços para o abraço pelos plugs. A comunicação instantânea entre pessoas, nações e culturas não garante, por si só, a consolidação de vias transculturais capazes de alimentar uma consciência simultaneamente global e local.

Em suma, a globalização não deve ser reduzida a sinônimo de comunicação mas deve ser entendida como a possibilidade de compreensão e aprendizagem intercultural. Não se reduz também a regras de intercâmbios transnacionais ou de blocos de nações vizinhas que privilegiam o mercado como modelo de organização social do planeta. Há valores, bens culturais e patrimônios da cultura universal que não são vendáveis nem negociáveis. Sabemos bem da promessa perversa contida nas proposições políticas da Organização Mundial do Comércio (OMC) no que diz respeito à educação. Com propriedade, a Carta de Porto Alegre, de abril de 2002, documento oficial da III Cumbre Ibero-americano de Reitores de Universidades Públicas, tem comentários enérgicos a respeito da concepção de educação como um serviço à disposição no mercado. "A proposta de entregar a educação superior ao livre comércio se inscreve num processo consistindo de drásticos cortes no financiamento público e de fomento da educação privada, levando os Estados a abandonarem sua função política específica de orientação, direção e gestão em áreas de sua responsabilidade social". Em linguagem contundente, a Carta de Porto Alegre termina cobrando dos governos o compromisso com a educação universitária, entendendo-a como um valor cultural inegociável, um bem público. Diz: "Os reitores e acadêmicos ibero-americanos aqui reunidos, reafirmando os compromissos assumidos pelos governos e pela comunidade acadêmica internacional em outubro de 1998, em Paris, na Conferência Mundial do Ensino Superior, que consideram a educação como um bem público, alertam a comunidade universitária e a sociedade em geral sobre as conseqüências nefastas dessas políticas, e requerem aos governos de seus respectivos países que não subscrevam



compromissos nessa matéria no contexto do Acordo Geral sobre Comércio e Serviços (GATS) da OMC".

Nem tudo está à venda e o planeta tem dado claros sinais de que a apropriação de parte da natureza, para sua posterior disponibilização no mercado, tem sido responsável pela cadeia sem retorno da expropriação das condições de vida, da competição, da fome, da violência, das ondas de terror e da dizimação de populações.

O modelo mercantil e o poder da comunicação não são as únicas nem as mais eficazes forças de aglutinamento e reorganização das sociedades. Basta olhar à nossa volta para observar como certas populações lançam mão de outros recursos criativos para reordenar suas vidas, longe do modelo padronizado do mercado. Lembremos os mecanismos de *mutirão* que se fazem presentes na vida de várias sociedades. Do ponto de vista histórico, a Argentina mostra um exemplo próximo. No auge da crise econômica e política pela qual passava o país, nos últimos dois anos, os argentinos 'inventaram' um intercâmbio informal, como um mediador de trocas equivalente a um "passe", o que lhes permitia o acesso aos bens de que necessitavam. Que chamemos a isso mercado paralelo ou forma primitiva de troca, o que interessa reter do exemplo argentino é a possibilidade de nos valermos de outras dinâmicas de acesso aos bens que não se limitam à hegemonia das chamadas leis da oferta e procura.

Não fazer parte da estrutura global do mercado ocidental pode parecer uma situação absurda, impensável e fora da realidade. Tão internalizada está a idéia de mercado, que a entendemos como natural, a única possível, e isso impede que acionemos modos diferentes de viver em sociedade. Certamente podemos fazer alusão a outras experimentações históricas de culturas que, no passado, exibiram uma vida mais plena longe do mercado moderno. As primeiras sociedades de afluência das quais fala Marshall Sallins é um exemplo: nessas sociedades trabalhava-se 4 horas por dia – e apenas os adultos. Com isso, todo o grupo tinha satisfeitas suas necessidades, inclusive a necessidade essencial do ócio que permitia a expressão e experimentação da espiritualidade, da contemplação estética do mundo, da criatividade, da resolução das tensões do grupo, do encontro do indivíduo consigo mesmo, da atividade lúdica... Numa palavra, e para falar de uma expressão moderna que todos entendemos, essas primeiras sociedades de afluência experimentavam

uma "qualidade de vida", certamente superior à nossa, é claro, dentro dos limites e contingências sócio-históricas.

Poder-se-ia objetar dizendo que: 'trata-se de um passado que nada tem a ver com a sociedade atual'. A objeção procede, mas podemos dizer em troca que a direção e os horizontes de qualquer sociedade não se limitam à determinação do propalado "grau" de desenvolvimento, mas também da idéia de sociedade que temos, que projetamos, que escolhemos. O documento de criação da UNESCO, denominado Ato Constitutivo da UNESCO assevera que "como as guerras nascem na mente dos humanos, é na mente dos homens que devem ser erguidas as defesas da paz". Assim também cabe a nós, levantando o olhar para além do nosso umbigo ocidental capitaneado pelo liberalismo econômico, tomar conhecimento de outras maneiras de viver em sociedade. Aprender com elas, sem copiá-las, edificar outras idéias e outros horizontes mais éticos para os humanos e não somente para eles é o desafio inadiável que nos cabe.

Daí a necessidade de uma 'reforma do pensamento'. Para pensar a globalização na qual estamos imersos, não basta aceitar a consolidação histórica posta. Nem basta ter como meta remendar o tecido da condição já tão esgarçada do projeto humano. É pouco e mesquinho ter por meta reduzir os erros, tapar os buracos. Sejam gulosos, quer dizer, façamos uso das potencialidades criadoras do *sapiens-demens*, esse animal que sonha acordado, projeta utopias, cria mundos e culturas. O que temos hoje é produto de sonhos e projeções humanas. Talvez o que precisemos é reformar e mudar a direção dos sonhos do passado – se é que avaliamos a sociedade atual como um sonho que não está dando muito certo. E, se para projetar futuros sociais mais felizes para todos, temos que lançar mão do que está posto, pelo menos sejamos capazes de aliar à herança cultural e às forças de conservação, a aptidão de projeção de novos futuros para que eles possam ser menos perversos e violentos do que o presente. Se não podemos dizer ao passado 'muito obrigado' pelo que nos legou, podemos fazer com que o futuro nos agradeça pelo que fizemos hoje.

Dois argumentos podem ser destacados aqui. Primeiro: se o futuro é incerto e aberto e se temos que nos haver com as circunstâncias do presente, das quais não podemos nos distanciar, é prudente que olhemos e identifiquemos as diversas faces desse presente observando os sinais diferenciados que delas sobressaem. A partir daí será possível integrar e absorver o que significa ganhos de civilização e humanidade, o que deve ser incentivado;

e também o que precisamos desaprender, reformar e criar. Essa não é uma missão impossível, porque tal missão tem a medida de nossas potencialidades humanas. Segundo: há sempre outras maneiras de fazer as mesmas coisas, e para cada problema existe mais de uma solução. Se a globalização consolida-se pela acumulação de um padrão histórico de vida social, e se esse padrão tem agudizado, ao invés de diminuir, os problemas postos hoje no âmbito planetário, haveremos nós de nos perguntar sobre as possíveis mudanças de padrão. "Em time que está ganhando, não se mexe", diz-se, mas parece que não é esse o caso do momento presente da história das sociedades humanas na Terra-Pátria. A cautela entretanto é fundamental. Ao invés de, por decreto, hipoteseirmos um novo processo humano; no lugar de imaginarmos uma transformação no nível planetário é mais prudente e eficaz apostarmos no efeito multiplicador que advém de experiências locais e menores, mas dotadas de um poder rizomático importante. Não podemos esquecer que a história universal está repleta de eventos improváveis que se tornaram tendências e depois se constituíram em regra. Para Edgar Morin, "no princípio as coisas parecem sempre improváveis de se realizar, entretanto sempre na história os fatos mais importantes foram os fatos improváveis". "Quando se tem essa idéia se pode ver, com vontade e coragem, a vida e a ação no futuro do planeta" (Morin: 2001, p. 58-59).

### Motores da globalização

Em artigo publicado no Le Monde e depois no jornal Folha de São Paulo, Edgar Morin diz: "a globalização pode ser vista como a última fase de uma planetarização tecnocômica". Ele compara a Terra a uma nave espacial que está sendo movida por "quatro motores associados e ao mesmo tempo descontrolados". São eles: a ciência, a técnica, a indústria e o capitalismo. Somente uma redefinição desses quatro motores levariam a uma nova compreensão de nossa vida na Terra, que não se reduz ao progresso da ciência, da técnica, da indústria e do capitalismo. "Desenvolvimento é o novo nome da paz", como se propalou na década 60 do século passado? Parece que não, pelo menos nos moldes como ele está sendo gestado.

Para Morin, a noção de desenvolvimento deveria ser substituída por duas outras que, associadas, dariam conta dos desafios colocados hoje no nível planetário. "A noção de

desenvolvimento deveria, ao meu ver, ser substituída ao mesmo tempo pela idéia de uma política da humanidade (antropolítica) e pela idéia de uma política de civilização".

A política da humanidade teria por missão mais urgente 'solidarizar o planeta'. "Seria ao mesmo tempo uma política para construir, proteger e controlar os bens planetários comuns". Essa política seria correlativamente "uma política de justiça para todos aqueles que, não-ocidentais, tivessem negados os direitos reconhecidos pelo Ocidente para eles próprios". Por sua vez, "a política da civilização teria por missão desenvolver o melhor da civilização ocidental, rejeitar o pior dela e operar uma simbiose de civilizações, integrando as contribuições fundamentais do Oriente e do Sul".

Se é o Ocidente que propala e gerencia o projeto da globalização, deverá ele próprio começar por livrar-se dos males dos quais sofre: "o domínio do cálculo, da técnica e do lucro sobre todos os aspectos da vida humana; o domínio da quantidade sobre a qualidade; a degradação da qualidade de vida nas megalópoles e a desertificação das zonas rurais, fruto da agricultura e da pecuária industriais que já produziram várias catástrofes alimentares".

Além da insuficiência do desenvolvimento preponderantemente tecno-econômico e que tem por base um conhecimento especializado incapaz de apreender os problemas multidimensionais, o planeta vive uma crise de governabilidade sem precedentes. Estadistas desequilibrados que pensam o mundo como um video-game, líderes insufladores de nacionalismos extremos, e uma crise generalizada de legitimidade e autoridade põem em risco uma das conquistas mais fundamentais de nossa história, e ao mesmo tempo a mais frágil delas: a democracia.

Ciência, tecnologia e globalização para que? Para quem? A serviço de que projeto da sociedade?

Ao final da reflexão sugerida ao longo desse ensaio, ainda dois pequenos pontos. O primeiro sintetiza um protocolo de intenções, uma carta aberta que sugere princípios a serem reformados ou completados por todos nós. Após esse elenco incompleto de princípios, um poema responde a uma pergunta essencial que transversaliza todo o texto: sobre o que falamos quando nos referimos à globalização e identidades culturais?

## **Princípios, apostas**

1. Somos co-responsáveis pela história da vida humana. É preciso ultrapassar a atividade de "vítima do processo" e nos colocar de corpo inteiro à disposição de um projeto de sociedade onde homens, mulheres e crianças sejam mais felizes.
2. A sustentabilidade da vida no planeta requer uma avaliação urgente e corajosa dos prognósticos da ciência e da tecnologia para um amanhã que começa hoje. E, como a ciência e a tecnologia são atividades e expressões da cultura humana, cabe a nós, e permanentemente, avaliar seus efeitos benéficos e negativos sobre a sociedade para redirecionar seus rumos e horizontes.
3. Os humanos não estão sozinhos no planeta. Não foram no passado, nem nunca serão auto-suficientes. Por isso, a espécie humana tem um débito enorme com outros sistemas vivos e não-vivos e portanto qualquer projeto de futuro dos humanos deve se pautar pela co-existência na diversidade que conjuga sistemas vivos e não-vivos do planeta.
4. É fundamental, ainda e sempre, manter a condição de indignar-se contra qualquer forma de crueldade diante da vida. A indignação e a revolta, quando estética e docilmente canalizadas, podem se constituir em forças civilizacionais importantes para alimentar valores como a solidariedade, o diálogo e a esperança. Nisso reside a "Boa Utopia".
5. Toda transformação, mudança de caminho e projeção de futuro começa pelo hoje; começa pelo sujeito ao mesmo tempo insatisfeito, visionário e mobilizador; começa no nível microscópico, local, e no fragmento, para depois se expandir. Da mudança de percepção dos sujeitos depende a mudança do mundo. Foi assim que fizemos a história. Uma "reforma do pensamento" (Morin) está na base da reforma da sociedade e das políticas de ciência e tecnologia. Essa tarefa é nossa. Indelegável e inadiável. Nenhuma cactácea, nenhuma borboleta e nenhum golfinho a fará por nós, mesmo que saibamos que de nossas escolhas de futuro depende a vida deles entre nós.
6. O futuro é incerto, portanto está aberto (Prigogine). Se estamos imersos na incerteza devemos lançar nossas apostas. À bestialização da sociedade do terror devemos responder com apostas antenadas com os inegociáveis valores éticos da vida, da preservação do planeta e da difícil conquista da democracia, da justiça social e da felicidade. Esse projeto, que não se limita ao propriamente humano, se funda na compaixão e partilha com outros sistemas que dividem conosco a aventura da vida da Terra.

7. A globalização não se reduz à conexão das culturas pelo mercado. O conceito de desenvolvimento se tornou míope diante das injustiças sociais e desigualdades produzidas por ele. São necessárias uma 'política de humanidade' e uma 'política de civilização' (Morin).
8. Tal como nos ensina a natureza, quando demonstra que a sustentabilidade do ecossistema depende da diversidade e da simbiose entre os sistemas vivos e não-vivos, também a humanização do projeto civilizacional deve ser concebida como uma co-dependência da diversidade das culturas, o que requer compreensão múltipla, tolerância, partilha e hibridações.
9. A consciência de que somos múltiplos em nossas identidades (espécie humana, singularidade genética-individual, herança histórica-coletiva, comunidade terrena) pode reduzir o auto-centrismo e a fobia em relação ao outro. Essa consciência propicia um avanço em complexidade porque pode fazer emergir a aptidão e a competência para a construção de confederações culturais. Quem sabe assim possamos multiplicar redes de solidariedades distantes da intolerância.

Talvez esses princípios possam refundar a ciência e a tecnologia em patamares mais éticos e redimensionar os horizontes da globalização ora em curso. Mas, se os princípios elencados forem insuficientes, talvez precisemos lançar mão da poesia – essa forma de dizer do mundo marcada pela singela clareza que nem todo pensamento alcança. Tita Mendes, poeta do Rio Grande do Norte, diz com seu poema "A árvore da vida" sobre o que devemos falar quando pensamos em globalização, ciência e tecnologia.

*É sobre nós que falo  
 Nós na língua  
 (antes que se inicie a devoração)  
 Nós na linhagem  
 (antes que se decrete a extinção)  
 Nós na linguagem  
 (enquanto inseridos na emoção)  
 Nós no linguajar  
 (onde o espaço é feito e refeito)*

*É sobre nós que falo  
 Nós que nascemos à sombra  
 Da grande árvore da ciência  
 Do bem e do mal*

*Que demos bons e maus frutos  
Nós que habitamos o mundo  
E o tornamos apocalíptico*

*É sobre nós que falo  
Nós e nossa antropofagia  
Nós que a tudo deglutimos  
Inclusive ao outro*

*Às vezes de forma simbiótica  
E quase eterna  
Outras vezes de forma parasitária  
E mortal*

*É sobre nós que falo  
Nós e nossas reservas de ternuras  
Descendo esgoto abaixo  
Porque precisamos ser racionais  
Enquadrados em silêncios duros  
Respiração contida*

*É desse humano que vos falo  
Porque dele um grito se projeta  
E quer compartilhar-se a outro grito  
Porque aniquila o saber-se só  
Negar o dito e sentido do outro*

*É desse humano que vos falo  
Porque do fazer por fazer  
Somente nos aprodrecemos  
Do amar por amar  
Nosso coração torna-se desnecessário  
Do competir por competir  
Em que se apóia a nossa arquitetura?*

*É desse homo que vos falo  
Do homem que busca o homem  
E nessa busca se propõe à glória  
E a louvar culturas  
Desse homem que reconstrói países em ruínas  
Ressuscita terras sem flores  
Ilumina momentos porque com o outro  
Aprendeu a amar e a se definir  
E há tantos amores a amar!*

*É de nós que falo  
Nós que pelo fato de sermos humanos*

*Precisamos de cúmplices semelhantes  
Embora às vezes os cúmplices falhem  
Nós que o poema desnuda  
Homens, mulheres  
De todos os séculos*

*É de nós que falo  
Na vibração do olhar  
No exercício da nossa deslumbrante sensualidade  
No amor que recebemos  
Quando também o enviamos*

*É desse humano que falo  
Aparentemente tão completo  
E que eu contemplo  
Não basta ter razão  
É preciso carne, tempo, sedução  
A vida?  
A vida se faz em séculos  
A pétala, não.*



CYRULNIK, Boris. *Memória de macaco, palavras de homem*. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

MORIN, Edgar. *As duas globalizações: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente* (Org. SILVA, Juremir Machado e CLOTEL, Joaquim). Porto Alegre: EDIPUCRS/Edutora Sulina, 2001.

\_\_\_\_\_. *Por uma globalização plural*. Folha de São Paulo: Caderno Mundo, 31/03/2003.

\_\_\_\_\_. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. *O método 4: as idéias - habitat, vida, costume e organização*. Porto Alegre: Editora Sulina, 1998.